

Sá de Miranda e a Corte

Luís F. Sá Fardilha *

«Homem d'un só parecer
D'um só rosto e d'ua fé,
D'antes quebrar que volver,
Outra cousa pode ser,
Mas de corte homem não é.»¹

Os versos que colocamos em epígrafe, colhidos na carta «A El-rei D. João», são, seguramente, os mais célebres e os mais citados da obra de Sá de Miranda. Esta severa crítica aos cortesãos que rodeavam o monarca português tem sido apresentada também — ou, até, sobretudo — como um auto-retrato do poeta do Neiva, onde se destaca a sua integridade moral. Não seremos nós a negar a inspiração especular dos versos referidos, ainda que, vistos desse ângulo, nos pareçam de um despudor algo desajustado ao perfil austero e, até, ascético do autor. O que nos interessa, neste momento, valorizar, é, no entanto, o aspecto satírico que essa carta a D. João III, como a generalidade das cartas mirandinas, apresenta. Para o desenvolvimento desta perspectiva, julgamos que valerá a pena alargar a citação aos versos que seguem os citados em epígrafe:

«Ouço gracejar, de cá,
de quem vai inteiro e são,
nem se contrafaz mais lá.
— Como este vem aldeão,
que não sabe onde se está!»²

* Universidade do Porto.

¹ Francisco de Sá de MIRANDA, *Obras Completas*, Texto fixado, notas e prefácio de Rodrigues Lapa, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 3.^a edição, revista, 1977, vol. II, p. 39.

² *Idem, ibidem.*

A antítese polariza-se em torno dos deícticos espaciais «cá» e «lá», instaurando uma clara ruptura, não apenas geográfica, entre Sá de Miranda e a corte. Apresentados como espaços antitéticos, «cá» e «lá» excluem-se mutuamente e expelem, como estranhos, os elementos que não são identificados como seus. A exclusão que esta lógica de grupos gera poderá justificar a interpretação dos versos anteriores como auto-caracterizadores, uma vez que também eles definem um tipo social — o homem de corte — pela negativa. É óbvio que o poeta se integra num grupo e identifica com os «de cá», demarcando-se nitidamente do espaço cortesão, mas é também evidente que esta demarcação não se faz tanto em termos individuais como entre grupos sociais e tipos humanos contrastantes. Neste sentido, não é Sá de Miranda, enquanto indivíduo, mas a Aldeia, enquanto espaço social, que se opõe à Corte. Se não sublinharmos esta dimensão colectiva, cairemos, naturalmente, numa leitura das sátiras mirandinas que valoriza apenas a crítica circunstancial àqueles que terão excluído o autor do círculo mais próximo do monarca, uma vez que se teria mostrado demasiado «aldeão» para poder singrar em tais ambientes. A verdade é que as informações contidas na biografia publicada com a segunda edição das poesias mirandinas, da provável responsabilidade de D. Gonçalo Coutinho, são, em parte, discutíveis, e têm sido postas em causa as circunstâncias miúdas que esse texto refere como tendo estado na origem do afastamento da corte que teria sido imposto a Sá de Miranda. É reconhecido consensualmente — e a leitura dos textos reforça esta ideia — que Sá de Miranda se auto-excluiu da sociedade cortesã, optando pela aldeia, sem esperar por um afastamento compulsivo. Costa Pimpão equacionou, mesmo, a hipótesê de que não se tenha verificado nenhum afastamento — imposto ou voluntário —, mas, antes, um «não-regresso» à corte, depois da célebre viagem a Itália³. De qualquer modo, parece-nos limitador encarar as sátiras mirandinas apenas como um reflexo imediato e ressentido de um qualquer insucesso pessoal na corte do rei D. João III.

O alcance e o enquadramento das críticas mirandinas é muito mais vasto; o autor das cartas recupera e desenvolve, actualizando-a, uma temática clássica que opõe a crítica da vida citadina à exaltação da sociedade rural, cruzando esta oposição com o contraste entre o presente decadente e o passado sadio. Do mesmo modo que todos realçam o papel determinante desempenhando por Sá de Miranda na divulgação entre nós das novas formas literárias, pensamos que se deverá destacar, de igual maneira, a sua responsabilidade na vulgarização de uma temática de tão larga fortuna na

³ Cf. A. J. da Costa PIMPÃO, *História da Literatura Portuguesa*, Edições Quadrante, s/d., vol. II, pp. 266-269.

cultura europeia do seu tempo e que actualizava modelos como Terêncio ou Horácio — para indicarmos apenas dois nomes que o autor d'*Os Estrangeiros* cita explicitamente ⁴.

No enquadramento que propomos, ganha particular relevo a carta «A António Pereira, senhor do Basto, quando se partiu para a Corte co'a casa toda» ⁵. Pretendendo dissuadir o seu melhor amigo, Sá de Miranda empenha-se em mostrar os muitos vícios que vê na corte, ao mesmo tempo que, contrastivamente, exalta as virtudes do «modus vivendi» rural, que o senhor do Basto podia continuar a usufruir na sua quinta da Taipa. Ir para a corte significaria aceitar um estatuto subalterno, perder a liberdade moral e a autonomia que todos, nas suas terras, lhe reconheciam. Seria, ainda, ver-se obrigado a abdicar da simplicidade autêntica da vida aldeã, em favor do luxo e da ostentação de uma corte que se regia por superficialidades, por excessos e por hipocrisias:

«Cá, nas mais das desavenças,
éreis mestre das sentenças;
pera onde is outrem as dá.

Tereis em troca manjares,
composições delicadas,
ũa por outras grosadas (...);

Disto o cheiro, disto a cor,
que preço nam tem igual,
milagres de Portugal,
cousas de tanto sabor
pera saberem tam mal! (...)

Que contas vão tão erradas!
Enfastia o que sobeja;
quem come o que não deseja?
Soíam ser as convidadas,
vontades, agora é enveja.» ⁶

⁴ Cf. a dedicatória «Ao Infante Cardeal Dom Henrique», no volume II da edição citada das *Obras Completas*, pp. 121 e 122. Sobre a influência que a tradição satírica greco-latina exerceu nos autores renascentistas que abordam esta temática, veja-se o informado estudo de Pauline M. SMITH, *The anti-courtier trend in sixteenth century french literature*, Genève, Librairie Droz, 1966, particularmente a Parte I, «Sources and models», pp. 13-54.

⁵ F. Sá de MIRANDA, *Obras Completas*, ed. cit., II, pp. 83-89.

⁶ *Idem*, pp. 86-87.

Mais adiante, a fechar a carta, o autor adverte o amigo para os formalismos vazios e afectados que, na sua visão, iam então triunfando nos serões da corte portuguesa:

«Tereis lá conversações,
tereis graças delicadas,
do ar do paço adubadas,
e às vezes das prêgações,
com muito gosto furtadas.

Transpuseram os amores,
deixaram o paço às cegas,
saem de novo mantedores,
continos murmuradores
pola praia d'Enxobregas.»⁷

À perda da liberdade moral que a corte impõe, juntam-se os perigos do refinamento de hábitos e costumes sabiamente engendrados e que Sá de Miranda vê como uma ruínosa subversão da sociedade e da moral. Para este autor, a vida de corte é incompatível com a ética, uma vez que lhe falta a verdade e a autenticidade. Nesta medida, os princípios e os preceitos do poeta português chocam com as concessões de B. Castiglione no que se refere ao valor das aparências, o qual este célebre conde acaba por reconhecer, «faute de mieux»⁸. Sá de Miranda pode ser considerado, neste aspecto e relativamente ao autor de *Il Cortegiano*, um reaccionário moralista; a ele poderiam aplicar-se as palavras irónicas do prólogo ao segundo livro dessa «bíblia» da cortesania renascentista, nas quais são ridicularizados esses «velhos» que «exaltam os tempos passados e reprovam os presentes, vituperando os nossos feitos e costumes e tudo o que eles, na sua mocidade, não faziam»⁹.

Reagindo aos novos progressos da decadência dos costumes que os «mimos indianos» catalisavam, o poeta do Neiva invoca o exemplo dos antepassados, «aqueles maiores nossos / antigos padres primeiros» que

⁷ *Idem*, pp. 97-98.

⁸ Cf. B. de CASTIGLIONE, *El Cortesano*, Madrid, Espasa-Calpe, 5.ª edição, 1984, Livro I, cap. V. As considerações que o conde Ludovico de Canosa expende sobre a necessidade de desenvolver a «arte» da simulação são particularmente significativas a este respeito. Citemos, a título de exemplo, algumas das suas palavras: «(...) por eso se puede muy bien decir que la mejor y más verdadera arte es la que no parece ser arte; así que en encubrilla se ha de poner mayor diligencia que en ninguna otra cosa; porque en el punto que se descubre, quita todo el crédito y hace que el hombre sea de menos autoridad.» (p. 103).

⁹ *Idem*, p. 139.

«eram no começo inteiros, / eram santamente grossos, / sem mal como os seus cordeiros»¹⁰. E questiona:

«Os momos, os serãos de Portugal,
tam falados no mundo, onde são idos
e as graças temperadas do seu sal?

Dos motes o primor e altos sentidos,
os ditos delicados cortesãos,
qu' é deles? Quem lhes dá somente ouvidos?»¹¹

Mas, recordado da sua inaptidão aldeã para julgar uma sociedade que já não reconhece como sua e que, por sua vez, também já não o aceitaria, conclui:

«Mas deixem de tratar os aldeãos
da Corte; sempre foi, sempre será:
trocam-se os tempos, fogem d' antre mãos.»¹²

Apesar de tudo, Sá de Miranda identifica com precisão a causa da decadência que, na sua perspectiva, atinge profundamente a corte portuguesa: tudo nasce da cobiça e da ambição demasiada dos cortesãos. Esquecidas as virtudes da «corte» pobre dos nossos reis antigos¹³, os frequentadores do paço valorizam a ostentação de uma riqueza que gera, «ad infinitum», o seu desejo.

«Quem a apetitos dá crença
ũa mão toma, outra pede,
nunca espereis que se vença;
sinal d'ũa má doença:
quanto mais água mais sede.

¹⁰ F. Sá de MIRANDA, *Obras Completas*, II, p. 92.

¹¹ *Idem*, pp. 104-105.

¹² *Idem*, p. 105.

¹³ A nostalgia dos tempos em que os primeiros reis de Portugal, estimulados pela «pobreza», desenvolveram virtudes que os seus descendentes não saberiam honrar pode constatar-se na carta «A António Pereira, senhor do Basto»: «Quando os antigos a alguém / louvavam, não de senhor, / nem de rico era o louvor, / chamavam-lhe homem de bem, / e ainda bom lavrador. // A nossa gente que quis / arremedar nos louvores, / que agora parecem vis, / aos bons reis Sancho e Dinis, / chamaram-lhes lavradores.» (Cf. *Obras Completas*, II, p. 93). Neste sentido, poderão citar-se, entre outros, ainda os versos seguintes, extraídos da mesma carta: «Fez no começo a pobreza / vencer os ventos e o mar, / vencer quási, a natureza; / medo hei de novo à riqueza, / que nos venha a cativar.» (*Idem*, p. 84).

Cobiça, a da boca aberta!
Isto que te assi parece
e trás que andas tanto alerta,
luz de fora e resplandece,
dentro não há cousa certa.

O juízo e razão ata,
tudo fica escuro e em erro,
às leis e a Deus desacata,
do brando ouro e da prata
faz duras prisões de ferro.»¹⁴

De acordo com um tal diagnóstico, para alcançar a saúde moral e restabelecer o equilíbrio na economia e na sociedade, há que evitar os caminhos da corte, deixar a cidade, recolher-se aos campos, seguindo o exemplo do rato da fábula¹⁵. Repovoar a província ou, pelo menos, sustentar a corrente que, nascida nos campos, desaguava em Lisboa¹⁶, evitar, como a raposa perspicaz, o covil do leão, onde os rastros se perdem¹⁷, esse é o remédio eficaz para o mal que ia corroendo a nação portuguesa. Um remédio não apenas teoricamente proposto, mas testado e vivido por quem o recomenda. Ao contrário do seu contemporâneo Fr. Antonio de Guevara, Sá de Miranda não precisa de se penitenciar, prevenindo as acusações dos leitores: «Oxalá supiesse yo tan bien enmendar lo que hago como sé dezir lo que los otros han de hazer. Ay de mí, ay de mí! que soy como las ovejas que se despojan para que otros lo vistan (...)».¹⁸

À vida da corte, Miranda preferiu a áurea mediania da vida dos lavradores do Minho e a sua inconsciente felicidade¹⁹. Desprezando os bens materiais e os luxos supérfluos da cidade, soube buscar a riqueza de uma vontade livre e um estilo de vida bebido no exemplo dos filósofos estóicos²⁰. Uma vida frugal e simples, próxima da terra e da mãe-natureza, essa

¹⁴ F. Sá de MIRANDA, carta «A Pêro de Carvalho», *Obras Completas*, II, p. 63.

¹⁵ Cf. a carta «A seu irmão Mem de Sá», *Obras Completas*, II, pp. 78-83.

¹⁶ Cf. a carta «A António Pereira, senhor do Basto, quando se partiu para a Corte co'a casa toda», nomeadamente os seguintes trechos: «Não me temo de Castela, / donde inda guerra não soa; / mas temo-me de Lisboa, / que, ao cheiro desta canela, / o Reino nos despovoa»; «Estas terras e penedos / fazem-se-vos vistas feras; / já torceis o rosto às aldeas, / direis dos vinhos azedos / o que já disse Cineas (...)», in *Obras Completas*, II, pp. 83-85.

¹⁷ Cf. a carta «A Pêro de Carvalho», *Obras Completas*, II, p.68.

¹⁸ Fr. Antonio de GUEVARA, *Menosprecio de Corte y Alabanza de Aldea*, Madrid, Espasa-Calpe, 1967, p. 8.

¹⁹ F. Sá de MIRANDA, carta «A António Pereira...», *Obras Completas*, II, pp. 91-92.

²⁰ Veja-se, por exemplo, a referência ao «grande Epiteto», na carta «A Pêro de Carvalho» (*Obras Completas*, II, p. 67) ou ao «gram Zeno», na carta «A João Roiz de Sá de Meneses» (*idem*, p. 55).

«madre antiga / que, de quanto em si recebe / (...) singelamente se obriga / a pagar mais do que deve»²¹, partilhada com um pequeno grupo de amigos leais e verdadeiros, este é o ideal que «o bom Sá» defende na sua obra e praticou no seu «abrigo»:

«(...) a este abrigo
onde me acolhi cansado,
e mais inda a gram perigo,
e àquelas letras que sigo
devo que nunca me enfado;

Devo à muito minha amada
e só rica liberdade,
que tive aos dados jogada,
a que somente é mandada
da razão boa e verdade.»²²

Esta «vida retirada» — para evocar a célebre ode de Fr. Luis de León²³ em que se apresenta um ideal de vida semelhante — é a que melhor se adequa à índole e às ambições do poeta. Como alguns dos seus contemporâneos, Sá de Miranda crê que a filosofia — como a moral — é incompatível com a cidade, essa «imiga das leis santas e da sã / da boa temperança e vida pura»²⁴. A sua opção pelo isolamento campestre é, assim, uma assumida escolhida da vida contemplativa, em detrimento da vida activa. Os textos mirandinos — sobretudo as cartas, mas também a écloga «Basto» — discorrem largamente sobre a condição do Homem e as circunstâncias concretas da sua realização. Equacionando a problemática do viver em sociedade, Sá de Miranda parece defender a indissolubidade da relação filósofo / aldeia, um par a que se opõe a dupla cortesia / cidade. A indissolubilidade destas relações implica, para o filósofo, a necessidade de se recolher a lugares retirados do convívio humano e das preocupações sociais, como condição necessária para o filosofar. A vida solitária será, então, na esteira de Petrarca, uma condição para a contemplação filosófica e para o labor intelectual produtivo. O afastamento do bulício da cidade e dos seus negócios permite e favorece essa «ociosidade ... boa e sã»²⁵ que o poeta evoca na carta a Pêro de Carvalho. Esta «ociosidade», que só o afastamento da corte proporciona,

²¹ F. Sá de MIRANDA, carta «A António Pereira...», *Obras Completas*, II, pp. 91-92.

²² F. Sá de MIRANDA, carta «A seu irmão Mem de Sá», *Obras Completas*, II, p. 74.

²³ Frey Luis de LEÓN, *Obras completas castellanas*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1967, II, pp. 742-745.

²⁴ F. Sá de MIRANDA, carta «A D. Fernando de Meneses, em resposta do que lhe escreveu de Sevilha», *Obras Completas*, II, p. 100.

²⁵ Cf. F. de MIRANDA, carta «A Pêro de Carvalho», *Obras Completas*, II, p. 70.

abre ao autor a possibilidade de se consagrar à leitura e ao estudo, alimentando o convívio frequente e salutar com a Filosofia e a virtude:

«Andei fora ao vento muito,
fez-me gram mal à cabeça.

Cura-me a Filosofia
que me promete saúde;
dou-lhe a noite, dou-lhe o dia;
ouço falar da virtude:
se a visse, sarar-me-ia.»²⁶

Neste retiro intelectual, no gozo desse ócio humanístico, encontrava Sá de Miranda o ambiente propício à fruição e à assimilação da mais moderna literatura europeia, cujos modelos procurava esforçadamente transplantar para a cultura nacional. A água fria da Barroca, a fruta, a cachaça e as perdizes das terras de António Pereira²⁷, todos esses prazeres simples e naturais reconfortavam o corpo e predispunham a mente para a leitura de Boiardo e Ariosto, de Pietro Bembo e Sannazzaro, de Garcilaso e Boscán.

Enquanto a vida solitária oferece o clima adequado ao florescimento e aprofundamento de uma cultura moderna, séria e actualizada, o ambiente da corte, na perspectiva algo deformante que a carta ao senhor do Basto reflecte, só poderia produzir uma cultura de atrevidos «Pasquinos»²⁸ e sacrílegos desacatamentos aos livros divinos. Compreender-se-á, por isso, a genuína surpresa do autor, quando recebeu os versos de D. Manuel de Portugal — um dos mais acabados cortesãos do seu tempo —, em que este ensaiava a transposição dos modelos italianos para as línguas ibéricas:

«Certamente eu trazia errada a conta,
qu'inda há quem nos renove o tempo antigo,
de que tanto se escreve e tanto conta;
agora me reprendo e me castigo;
fazia à nossa Lusitânia afronta:
cuidei que só buscava prata e ouro,
buscastes-me no meu escondedouro.»²⁹

²⁶ F. Sá de MIRANDA, carta «A João Roiz de Sá de Meneses», *Obras Completas*, II, p. 56.

²⁷ Cf. F. Sá de MIRANDA, carta «A António Pereira...», *Obras Completas*, II, pp. 88-89.

²⁸ *Idem*, p. 89.

²⁹ F. Sá de MIRANDA, écloga «Encantamento», *Obras Completas*, I, pp. 222-223. Para uma discussão mais detalhada acerca das relações literárias de Sá de Miranda com D. Manuel de Portugal, poderá ler-se o que escrevemos na «Introdução» à edição da *Poesia de D. Manoel de Portugal. I-Prophana* (Porto, FLUP / ICP, 1991), pp. XXVII-XXXII.

A dedicatória da «Encantamento», ainda que o autor honradamente disso se penitencie, deixa transparecer a ideia de que, um tanto paradoxalmente, se tivermos em conta os seus modelos, Sá de Miranda alimentava, relativamente à corte, a expectativa única de uma cultura frívola, superficial e licenciosa, nitidamente oposta à cultura humanista que o retiro da quinta da Taipa favorecia. No entanto, esta divergência de perspectivas culturais é, afinal, a consequência de uma visão dicotómica globalizante em que a rígida coerência do pensamento mirandino acaba por coagular. De acordo com esta concepção dualista, a aldeia é o pólo aglutinador de tudo o que o poeta marca positivamente, dentro dos diversos campos da experiência humana; esse é o lugar da liberdade moral, da lealdade política, da solidariedade social, da fidelidade ao legado histórico e aos princípios dos «bons reis lavradores»... aí se pratica a sã economia agrária e se podem fruir sem culpas tanto os prazeres simples e honestos da natureza, como a lição dos autores clássicos ou modernos, na sincera companhia de amigos verdadeiros. No pólo oposto, a corte convoca e potencia todos os males e todos os perigos: prisões morais, intrigas políticas, lisonjas e venenos de privados, profanações, desregramentos, luxúrias, mentiras, traições...

De acordo com esta concepção global, em que a corte e a cidade se identificam, e em coerência com ela, Sá de Miranda utiliza, nas suas sátiras, uma simbiose da cultura de inspiração popular com um profundo saber de humanista para criticar severamente a sociedade cortesã portuguesa quinhentista. Deste modo, o poeta do Neiva faz coro com um vasto conjunto de obras e de autores que têm o seu clássico no breve tratado que Fr. Antonio de Guevara dedicou ao *Menosprecio de corte y alabanza de aldeia*, um texto curiosamente dedicado ao monarca português D. João III... Há, contudo, importantes diferenças de perspectiva; o bispo de Mondoñedo, que critica a corte a partir da corte, reivindica, explicitamente, a sua condição de *homer de cortes*, na dedicatória ao monarca³⁰; Sá de Miranda, pelo seu lado, coloca-se, ao nível do discurso, fora da corte régia — identificando os cortesãos como «os de lá» — e deixa entender, tanto nas críticas que faz, como nos conselhos e elogios que prodigaliza, que gostaria de substituir essa realidade por uma outra corte, feita à imagem da dos «reis lavradores», a qual teria já, na «entourage» mirandina, uma existência embrionária.

³⁰ Com o objectivo de transmitir ao seu texto uma maior credibilidade, Guevara lembra a D. João III a sua condição de pregador e cronista do imperador Carlos V e acentua que, durante os dezoito anos que passou ao seu serviço, pôde conhecer «la corte del emperador Maximiliano, la del Papa, la del Rey de Francia, la del Rey de Romanos, la del Rey de Inglaterra, y las señorías de Venecia, de Génova Y de Florencia, y los Estados Y casas de los príncipes y potentados de Italia.» (*Op. cit.*, p. 11).